



# Ler é Saber

2009 nº 2 - ANO VII

## Nossa Terra



SANTAND

# Quem é o gaúcho?

Daniel Luciano Gevehr, Doutor em História

O estado do Rio Grande do Sul, assim como o conhecemos nos dias atuais, já foi bem diferente. Essa história começou bem antes da chegada dos europeus à América, num tempo em que essas terras eram habitadas por nativos, que os europeus chamariam de índios. São essas populações nativas, os índios, os primeiros moradores do nosso estado.

Entre os diferentes povos indígenas que habitaram nosso estado, podemos destacar os Guarani, que têm uma história muito interessante para nos contar, especialmente quando conhecemos as ruínas do que foram as Missões Jesuíticas, localizadas na região noroeste do estado. Foi lá que, no século XVIII, índios, padres, espanhóis e portugueses combateram para decidir quem seria o dono daquelas terras.

Foi nessa mesma época que portugueses e espanhóis lutaram para ver quem seria o dono das terras que hoje formam o Rio Grande do Sul. Foram muitos anos de brigas e tentativas de paz, que nem sempre deram certo, levando portugueses e espanhóis a negociarem os lugares por onde deveriam passar os limites das terras. Nesse contexto, é que vai nascendo o nosso estado, como resultado de negociações entre os reis da Espanha e de Portugal, numa época em que quem mandava aqui eram os reis.

Nesse tempo, os portugueses lutaram para desenhar o mapa do nosso estado, que seria conhecido a partir de 1801, com o Tratado de Badajós. Os portugueses também estavam preocupados em encher essas terras de gente. Assim, acreditavam que nossas terras estariam seguras.

É exatamente em função disso que chegaram aqui, ainda no século XVIII, os primeiros povoadores portugueses, vindos das ilhas dos Açores. Esses primeiros povoadores europeus foram os açorianos, que deram origem a muitas cidades, como Santo Antônio da Patrulha e São José do Norte.

Importantes também foram os africanos que vieram para nosso estado. Eles foram trazidos para cá de forma bem diferente dos açorianos, sendo obrigados a trabalhar pesado como escravos para os seus senhores. Após a Abolição da Escravidão, em 1888, os africanos e seus descendentes se espalharam por diversos municípios e se misturaram com outras etnias que povoariam nosso estado.

Quando o Brasil não pertencia mais a Portugal e já era um país, nosso estado iria receber mais gente disposta a morar aqui. Dessa vez, eram os alemães, que chegaram em São Leopoldo a partir de 1824 e que deram origem a muitas cidades que conhecemos atualmente aqui na nossa região. Já os

italianos chegaram a partir de 1875 e deram origem a muitas cidades, como Caxias do Sul e Bento Gonçalves.

É claro que poderíamos falar ainda de vários outros casos de nossa história, afinal o estado localizado mais ao sul do Brasil tem muita história para contar, especialmente pelo fato de estarmos muito ligados aos uruguaios e aos argentinos.

Deixando de lado nossas diferenças com os argentinos no futebol, temos que lembrar que muitos de nossos hábitos e costumes têm bastante a ver com os argentinos e também com os uruguaios, de onde vem boa parte da carne que utilizamos para fazer nosso conhecido churrasco de domingo. Afinal, nós, gaúchos, somos conhecidos pelos moradores dos outros estados brasileiros pelo nosso jeito diferente de pronunciar as palavras, pelo nosso chimarrão e pela nossa música, além, é claro, de muitas outras coisas que nos fazem parecidos com nossos vizinhos de origem espanhola.



Ler é Saber  
Ano VII  
2009



Projeto do Grupo Editorial Sinos, FEEVALE e FACCAT em parceria com as Secretarias Municipais de Educação, Escolas Estaduais, Particulares e Comunitárias, destinado a incentivar o gosto pela leitura.

ILUSTRAÇÕES: MÁRIO JUNGES - SINOVALDO PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO EMERSON BAPTISTA

TIRAGEM: 135 MIL EXEMPLARES

## Coordenação e Contatos:

Daiana C. de Castilhos (Faccat) (51)3541.6600 R. 663 daianacampani@faccat.br  
Daniel Conte (Feevale) (51)3586.8800 R. 8685 danielconte@feevale.br  
Liane Müller (Faccat) (51)3541.6600 R. 663 lianemuller@faccat.br  
Marinês Kunz (Feevale): (51)3586.8800 R.8650 marinesak@feevale.br  
Marlene Ressler (Faccat) (51)3541-6600 R. 629 marlene@faccat.br  
Miguel H. Schmitz (Grupo Sinos) (51)3594.0489 miguels@gruposinos.com.br

Firme que nem prego em polenta • Mais amontoado que uva em cacho. • Mais faceiro que guri de bombacha nova. • Mais angustiado que parata de pernas para cima. • Mais conhecido que parteira de campanha. • Mais difícil que nadar de poncho. • Extraviado que nem chinelo de bêbado. • Mais medroso que casado atravessando galinheiro. 2

de frutas. • Mais bonita que laranja de amostra. • Em briga de pedra garrafa não entra. • Miguel, Miguel, não tens abelhas e vendes mel.  • Mais nervoso que potro com mosca no ouvido. • Quente que nem frigideira sem cabo. • Mais sujo que pau de galinheiro. • Mais gorduroso que telefone de açougueiro. • Mais perdido que cebola em salada

# A Babel do Gabriel

Luciane Maria Wagner Raupp

Uma vez era o Gabriel, um menino serelepe.

Aprontava, aprontava

A profe nem xingava!

E quem poderia?

Aqueles olhos azuis a brilhar

Feito os da Oma Maria...

Aquele jeito de com as mãos falar

Igualzinho ao Nono Giuseppe.

Gabriel era todo charmoso

Com as palavras, muito habilidoso.

Dizem que tirava as suas ideias mirabolantes

De livros e livros que tinha nas estantes.

Ganhava-os de presente da Sarah e do Samuel, seus dindos,

Aqueles que o levavam à sinagoga aos domingos.

Gabriel era muito inventivo,

Nem precisava de incentivo!

Só não sabia como iria usar

Duas camisetas que acabara de ganhar:

Uma do Grêmio e outra do Internacional.

Encontrou-se em um dilema existencial.

Correu e acendeu uma vela para o Negrinho do Pastoreio:

Que ajudasse a encontrar a solução perdida sem receio!

Foi com a Dinda buscar ajuda no terreiro,

Santos e entidades a dar o palpite certo.



Embalado pelos tambores teve uma ideia genial  
Uma grande festa era essencial.

A família em dia de festa se encontrou  
Polca, samba, vanerão: todo ritmo se escudou.  
Sashimi com chimarrão, churrasco com angu,  
Quindim, ambrosia, grôstoli, sagu,  
Tudo para esperar o momento da grande revelação:  
O time que de Gabriel conquistou o coração.

Por uns instantes o menino sumiu.  
A maior surpresa foi o que surgiu:  
Metade alvi-rubra, metade tricolor azul anil  
A camisa trazia no centro a bandeira do Brasil.  
O Intergremionacional estava criado  
Por um guri pra lá de levado.

# Casos do Romualdo - XIII

Simões Lopes Neto

[...] Vínhamos em marcha forçada; alta madrugada o regimento fez alto. Trazíamos umas novilhas gordas, que foram logo abatidas para um rancho apressado, de churrasco.

Fazia um frio de rachar pedras.

Acendeu-se uma grande fogueira e cada um tratou de chamuscar o seu pedaço de carne.

Eu saí a procurar um espeto para o meu assadinho. A noite era muito escura, mas graças ao clarão da fogueira descobri uma pequena reboleira de mato, ali perto. Aproximei-me e, quando ia cortar um galho qualquer, caiu-me ao chão a faca, abaixei-me para apanhá-la dentre as ervas, e com tal sorte que ao lado dela encontrei um pedaço de pau tal e qual como eu queria: duma meia braça, grossinho, liso, e o que mais é, já com a ponta feita.

Por certo que seria um espeto já pronto que algum dos camaradas perdera; melhor para mim!

E ainda bati com ele no chão para limpá-lo duns capins secos e terra que estava pegada.

Voltando, atravessei o meu churrasco no meu espeto achado, e finquei-o na beirada do fogo.

Vinha clareando o dia.

Por toda parte branqueava a geada, alta de dois dedos, geada farinhenta, que é a mais fria de todas. Estava eu um poço arriado, conversando, quando um cabo, baiano, que viera acender o cigarro numa brasa, gritou,

olhando para o chão, admirado:

— Olha o assado com o espeto, cadete Romualdo, que vai-se embora! ...

Julguei que era algum gaiato que pretendia furtrar-me o churrasco; mas o baiano repetiu:

— Acuda, seu cadete, que o assado vai de trote! ....

Corri, e que vi?...

O churrasco, sim senhor, borrifado de salmoura, já chiando na gordura, que ia andando pelo cão... dava a idéia de um cágado sem pernas, mas de cabeça e cauda mui compridas!...

Acudiram então outros rapazes, muitos, quase todos: e todos viram o churrasco arrastando-se, fugindo da fogueira.

Então rompeu o sol. Foi quando se pôde verificar a cousa: o espeto era uma cobra!

Como estava dura, dura de frio, aguentara todo o trabalho de atravessar o churrasco e ser cravada ao lado do fogo; depois o calor começou a assar a carne e aquecer o espeto, isto é, a cobra, que se foi reanimando, revivendo. E, logo que ela sentiu-se quentinha e de saúde, tratou de escapar.

Com o alarido e o movimento a cobra assustou-se, fez força e desfincou-se do churrasco, escondendo-se logo num buraco ali adiante.

Este caso foi muito falado naquele tempo.



# Negrinho do Pastoreio

No tempo dos escravos, havia um estancieiro muito ruim, que levava tudo por diante, a grito e a relho. Naqueles fins de mundo, fazia o que bem entendia, sem dar satisfação a ninguém.

Entre os escravos da estância havia um negrinho, encarregado do pastoreio de alguns animais, coisa muito comum nos tempos em que os campos das estâncias não conheciam cerca de arame: quando muito alguma cerca de pedra erguida pelos próprios escravos, que não podiam ficar parados, para não pensar em bobagem... No mais, os limites dos campos eram aqueles colocados por Deus Nosso Senhor: rios, cerros, lagoas.

Pois de uma feita o pobre negrinho, que já vivia sofrendo as maiores judiarias às mãos do patrão, perdeu um animal no pastoreio. Prá quê! Apanhou uma barbaridade atado a um palanque e depois, cai-caindo, ainda foi mandado procurar o animal extraviado. Como a noite vinha chegando, ele agarrou um toquinho de vela e uns avios de fogo, com fumo e tudo e saiu campeando. Mas nada! O toquinho acabou, o dia veio chegando e ele teve que voltar para a estância.

Então foi outra vez atado ao palanque e desta vez apanhou tanto que morreu, ou pareceu morrer. Vai daí, o patrão mandou abrir a "panela" de um formigueiro e atirar lá dentro, de qualquer jeito, o pequeno corpo do negrinho, todo lanhado



de laço e banhado em sangue.

No outro dia, o patrão foi com a peonada e os escravos ver o formigueiro. Qual não é a sua surpresa ao ver o negrinho do pastoreio vivo e contente, ao lado do animal perdido.

Desde aí o Negrinho do Pastoreio ficou sendo o achador das coisas extraviadas. E não cobra muito: basta acender um toquinho de vela ou atirar num canto qualquer naco de fumo.

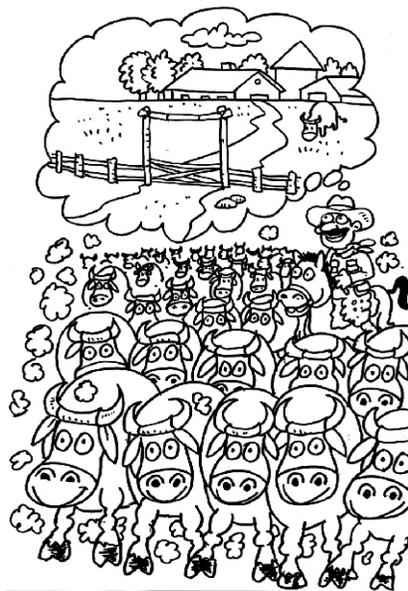
FAGUNDES, Antônio Augusto. *Mitos e lendas do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1993

## Adeus Sarita

Renato Motha

Adeus Sarita  
Vou partir para a fronteira  
Vou levar minha boiada  
Pra vender lá na feira  
Com o dinheiro dessa venda  
Eu vou comprar  
Mais uma linda fazenda  
Pra contigo me casar

No dia do casamento  
Vai ter baile a noite inteira  
A sanfona vai tocar  
Essa rancheira  
Os amigos reunidos  
Cantarão para nós dois  
E nossa felicidade  
Virá depois



no começo. • Mais enrolado que linguíça de venda. • Faceiro como passarinho velho em gaiola nova. • Bom como namorado no começo. • Mais assustado que velha em canoa. • Bom como namorado no começo. • Mais assustado que velha em canoa. • Mais angustiado que barata de porta-cabeça. • Mais assustado que velha em canoa. • Mais angustiado que barata de porta-cabeça.

Frio de empedrar água de poço



Mais difícil que nadar de poncho e dormir de espora sem rasgar o lençol. • Mais sério que defunto. • Mais sério que defunto.

na costura. • Perfumado como mão de barbeiro. • Pior que jacaré sem lagoa. • Rebola mais que minhoca nas cinzas. • Sutil como gato que vai pegar passarinho. • Mais à vontade que bugio em mato de boa fruta. • Mais velho que andar a pé. • Mais desocupado que barbeiro de índio. • Mais enrolado que namoro de cobra. • Mais intrumetido que piolho O lápis

## Cevando o amargo

Lupicínio Rodrigues



Amigo boleia a perna  
Puxe um banco vá sentando  
Descanse a palha na orelha  
E o crioulo vai picando  
Enquanto a chaleira chia  
O amargo eu vou cevando  
Enquanto a chaleira chia  
O amargo eu vou cevando

Foi bom você ter chegado  
Eu tinha que lhe falar  
Que um gaúcho apaixonado  
Precisa desabafar  
Chinoca fugiu de casa  
Com meu amigo João  
Bem diz que mulher tem asa  
Na ponta do coração

## Romanceiro da Erva-mate

Luiz Coronel

Naquele dia, por simpatia,  
se achegou, sentou ao meu lado.  
E me olhou e me serviu  
mate com açúcar queimado.

Voltei logo, vim de longe  
troteando a felicidade.  
Naquele mate com açúcar  
me deu somente amizade.

Passei a vagar pelos campos  
dia e noite a pensar nela.  
Pra dizer que em mim pensava  
fez um mate com canela.

Colhi as flores do campo,  
trouxe brincos e um anel.  
Querendo casar comigo  
me serviu mate com mel.

Mas não quis partir comigo,  
ai, quanta tristeza eu trago.  
Pra dizer tenho outro amor,  
me deu mate muito amargo.

Sete vezes eu voltei,  
mas desisti afinal.  
Só pra me mandar embora  
me serviu mate com sal.

## Desgarrados

Sérgio Napp / Mário Barbará

Eles se encontram no cais do porto pelas calçadas  
Fazem biscates pelos mercados, pelas esquinas,  
Carregam lixo, vendem revistas, juntam baganas  
E são pingentes das avenidas da capital  
Eles se escondem pelos botecos entre cortiços  
E pra esquecerem contam bravatas, velhas histórias  
E então são tragos, muitos estragos, por toda a noite  
Olhos abertos, o longe é perto, o que vale é o sonho

Sopram ventos desgarrados, carregados de saudade  
Viram copos viram mundos, mas o que foi nunca mais será

Cevavam mate, sorriso franco, palheiro aceso  
Viraram brasas, contavam casos, polindo esporas,  
Geadas frias, café bem quente, muito alvoroço,  
Arreios firmes e nos pescoços lenços vermelhos

Jogo do osso, cana de espera e o pão de forno  
O milho assado, a carne gorda, a cancha reta  
Faziam planos e nem sabiam que eram felizes  
Olhos abertos, o longe é perto, o que vale é o sonho

Sopram ventos desgarrados, carregados de saudade  
Viram copos viram mundos, mas o que foi nunca mais será

A fumaca, a labareta e a brasa





## Ronda do Quero-Quero Léia Cassol

Não sou tricolor  
Nem tenho lenço colorado  
Gostei foi do gramado  
Verde e lisinho  
— Parece o Pampa!  
Resolvi fazer meu ninho.

Daí me chamam de briguento  
Se na hora do entrevero  
Vou minha cria defender  
E ataco até o goleiro.

Pois saibam que não sou violento  
Apenas meio nervoso  
Audacioso...  
Mas corajoso!

Nas minhas penas trago histórias  
Contadas por farroupilhas  
De guerra?  
Não!  
De ideais!  
Que desenharam essas coxilhas!

Abro as asas  
Num voo rasante  
Céu, sol, sul  
Parece brinquedo  
Sentinela do Rio Grande  
Sempre alerta  
Sem segredo!

## Prenda Minha

Canção Folclórica

Vou-me embora  
Vou-me embora  
Prenda minha  
Tenho muito que fazer...

Tenho de ir parar rodeio  
Prenda minha  
No campo do bem querer...

Noite escura  
Noite escura  
Prenda minha  
Toda noite me atentou...



Quando foi de madrugada  
Prenda minha  
Foi-se embora e me deixou...

Troncos secos deram frutos  
Prenda minha  
Coração reverdeceu...

Riu-se a própria natureza  
Prenda minha  
No dia em que  
O amor nasceu....

## Boi Barroso

Canção folclórica

Eu mandei fazer um laço do couro do jacaré  
Pra laçar o boi barroso, num cavalo pangaré

Meu boi barroso, meu boi pitanga  
O teu lugar, ai, é lá na canga

Adeus menina, eu vou me embora  
Não sou daqui, ai, sou lá de fora

Meu bonito boi barroso,/ /  
que eu já dava por perdido  
Deixando rastro na areia/  
logo foi reconhecido

